

**INFRALEVES DA LINHA PACÍFICO**

o cheiro entre o estar cozido e já ter queimado da casca de polenta brustolada na chapa do fogão à lenha.

o fio de baba instantâneo e provisório entre o teto e a boca do terneiro.

o açúcar ao redor do grostoli quando toca os lábios inferiores.

o arrepio dos pêlos na casca de pêsego recém tirado da árvore.

a falta de ar que dá quando a gente se enfia de um vez só com o corpo embaixo da queda das cachoeira.

o pó que existe no paiol por segundos no ar, entre milho bruto e ração no meio do som da moedeira.

a ilusão de óptica que dá nos olhos quando se olha pro branco das roupas brancas quarando no chão, embaixo do sol do meio dia.

o cheiro que sobe no ar quando o sol bate no potreiro, recém que acaba uma chuvarada.

a matéria preta que se forma nos segundos que demora pra um lesma derreter depois que a gente criança coloca sal em cima.

o brilho do açúcar cristal colorido que vai sobre o glacê branco das bolachas quando bate a luz.

o reflexo do brilho do olho do porco no escuro do chiqueiro.

o vermelho espontâneo que pinta os poros do rosto dos que são colono alemão ou polaco quando algo que intimida acontece ou é dito.

o érre que se confunde com ére sendo puxado na língua.

o vergão de vara de marmelo se levantando nas pernas dos filhos depois que se desentende com os pais.

os segundos de som unísono que causa uma reza de ladainha, pela sincronia da repetição, na voz das mulheres velhas da paróquia.

o ovo de berne que a varejeira deixa na pele das pessoa.

quando a semente do figo que mora na chimia entra no meio de dois dentes durante uma mordida.

os dois três passos que a galinha dá sem cabeça depois de degolada.

o mel que o mirim gruda nos cabelos.

o qualhado do leite no tonel industrial, dentro da estrebaria.

as farpas de bracinga escondidas na pele das mãos que só aparecem quando inflama.

o pó de atraso em cima da palavra “interior” que só quem é da cidade, ou fica de longe, insiste em enxergar.